

## **SOBRE AUSÊNCIAS E PRESENCAS DO CLITÓRIS EM LIVROS DIDÁTICOS**

### **ON THE ABSENCE AND PRESENCE OF THE CLITORIS IN TEXTBOOKS**

### **SOBRE LA AUSENCIA Y PRESENCIA DEL CLÍTORIS EN LOS LIBROS DE TEXTO**

Kaliane Nascimento dos Santos Pinto<sup>1</sup>  
Gabriel Ribeiro<sup>2</sup>

#### **Resumo**

O objetivo deste estudo foi investigar o processo de transposição didática (TD) da estrutura clitoridiana, em sete livros de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, recomendados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático, ano 2021. Realizamos uma análise comparativa entre a TD referente ao clitóris e ao pênis, por meio de uma matriz analítica baseada no modelo KVP, do inglês, K (knowledge), V (values) and P (practices), e constituída pelos seguintes critérios: representações imagéticas (em secção sagital da pelve, visão frontal e quando isolados do corpo humano) e representações textuais. Os resultados evidenciaram lacunas nas representações de elementos anatomofisiológicos relacionados ao clitóris, diferentemente do que observamos em relação ao pênis. Identificamos um predomínio de imagens do corpo humano seccionado que não fornecem uma visualização adequada da estrutura clitoridiana e constatamos que a maioria dos LDs representa a glândula do clitóris como se fosse o órgão em sua totalidade. Além disso, os elementos textuais indicaram que a TD da estrutura clitoridiana se distancia do conhecimento científico de referência, oferecendo uma abordagem superficial, insuficiente para provocar uma discussão crítica sobre o órgão.

**Palavras-chave:** transposição didática; livros didáticos; clitóris.

#### **Abstract**

The objective of this study was to investigate the process of didactic transposition (DT) of the clitoral structure, in seven books on Natural Sciences and their Technologies, recommended by the National TextBook and Didactic Material Program, year 2021. We carried out a comparative analysis between DT referring to the clitoris and the penis, using an analytical matrix based on the KVP model, from English, K (knowledge), V (values) and P (Practices), and consisting of the following criteria: image representations (in sagittal section of the pelvis, frontal view and when isolated from the human body) and representations textual. The results highlighted gaps in the representations of anatomophysiological elements related to the clitoris, unlike what we observed in relation to the penis. We identified a predominance of images of the sectioned human body that do not provide an adequate visualization of the clitoral structure and we found

---

<sup>1</sup>Mestranda em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5632-1064>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1843111002856848>.

E-mail: [kallysantos17@gmail.com](mailto:kallysantos17@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Minho (UMinho). Professor do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7150-9520>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/261329441377754>. E-mail: [fta\\_gabrielribeiro@ufrb.edu.br](mailto:fta_gabrielribeiro@ufrb.edu.br)

that the majority of LDs represent the glans of the clitoris as if it were the organ in its entirety. Furthermore, the textual elements indicated that the DT of the clitoral structure distances itself from the scientific knowledge of reference, offering a superficial approach, insufficient to provoke a critical discussion about the organ.

**Keywords:** didactic transposition; textbooks; clitoris.

### Resumen

El objetivo de este estudio fue investigar el proceso de transposición didáctica (DT) de la estructura del clítoris, en siete libros de Ciencias Naturales y sus Tecnologías, recomendados por el Programa Nacional del Libro y del Material Didático, año 2021. Realizamos un análisis comparativo entre DT referentes al clítoris y al pene, utilizando una matriz analítica basada en el modelo KVP, del inglés, K (conocimiento), V (valores) y P (Prácticas), y compuesta por los siguientes criterios: representaciones de imágenes (en corte sagital de la pelvis, vista frontal y aisladas del cuerpo humano). cuerpo) y representaciones textuales. Los resultados resaltaron lagunas en las representaciones de elementos anatomofisiológicos relacionados con el clítoris, a diferencia de lo que observamos en relación con el pene. Identificamos un predominio de imágenes del cuerpo humano seccionado que no proporcionan una visualización adecuada de la estructura del clítoris y encontramos que la mayoría de las LD representan el glande del clítoris como si fuera el órgano en su totalidad. Además, los elementos textuales indicaron que la DT de la estructura del clítoris se distancia del conocimiento científico de referencia, ofreciendo un abordaje superficial, insuficiente para provocar una discusión crítica sobre el órgano.

**Palabras clave:** transposición didáctica; libros didácticos; clítoris.

### Introdução

Em geral, a vagina é encarada como uma estrutura equivalente ao pênis, aspecto que contribui para a centralidade atribuída a ela e, conseqüentemente, para o pouco conhecimento que a maioria das pessoas tem sobre as estruturas que compõem a vulva, entre estas, o clitóris (Ogletree & Ginsburg, 2000). Este estado de coisas não é recente.

Na história da anatomia humana, o clitóris, órgão responsável por proporcionar o orgasmo feminino, foi alvo de agressões e silenciamentos devido a fatores políticos e socioculturais (Laqueur, 2001). Como apontam Fernández, Fernández e Castro (2013), o modelo androcêntrico de sexualidade, pautado na noção de heteropatriarcado, contribuiu sobremaneira para ocultação desta estrutura e, conseqüentemente, para a repressão da sexualidade feminina.

Entre outras possibilidades, podemos destacar a teoria sobre o orgasmo vaginal, em oposição ao orgasmo clitoriano, postulada pelo psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) e interpretada como uma forma de resistência à atribuição da única função do clitóris, proporcionar prazer. Essa insistente negação do clitóris influenciou consideravelmente as concepções de anatomistas e fisiologistas do século XIX e XX. Assim, parte substantiva da anatomia genital feminina foi ofuscada e o clitóris foi

desaparecendo gradualmente, tornando-se uma “não entidade anatômica” (Chalker, 2001, p. 64).

A independência do órgão em relação aos aspectos reprodutivos também favoreceu o seu silenciamento, uma vez que, do ponto de vista androcêntrico, o prazer desvinculado da função reprodutiva não seria digno de consideração, tendo em vista que a sexualidade não-reprodutiva da mulher estaria associada ao erro, à marginalização e à promiscuidade (Jara, 2019).

Tal aspecto culminou na retirada do clitóris dos principais livros de anatomia e medicina (Fernández et al., 2013; Laqueur, 2001). No período atual, o clitóris continua sem muita visibilidade no campo educacional e, quando incluído nos livros didáticos (LDs), é mal representado do ponto de vista anatômico, interferindo na aprendizagem efetiva acerca do órgão e contribuindo, inclusive, para o seu desconhecimento (O’Connell, Sanjevan & Hutson 2005; Fernández et al., 2013).

Tendo em conta o exposto, cabe sublinhar que o tema desta pesquisa foi elaborado durante a participação, da primeira autora deste trabalho, no programa de monitoria do componente curricular Anatomia Humana. Em uma das aulas, distribuímos modelos anatômicos do clitóris e verificamos que nenhum estudante conseguiu identificar a estrutura, antes do professor, segundo autor deste trabalho, referir do que se tratava.

Nesta direção, ressaltamos que a falta de precisão na nomeação das partes genitais, e a conseqüente incapacidade de individualizá-las, pode interferir na capacidade de comunicação para discutir conhecimentos sexuais, e até mesmo no diálogo com médicos e parceiros (Braun & Kitzinger, 2000), demonstrando-se, assim, a importância de se debater esse tema, inclusive na formação de professores.

Diante dessas percepções, sobrevieram inquietações que nos levaram à questão: como os LDs da Educação Básica representam o clitóris, estrutura fundamental para o alcance do prazer sexual feminino? A relevância desta questão prende-se a três aspectos: (i) os LDs continuam sendo a principal ferramenta utilizada pelos professores em suas práticas pedagógicas (Lima Soares, Viçosa, Pessano & Folmer, 2018); (ii) os LDs se revestem de um “status de verdade”, tanto para o professor, quanto para o aluno, e, portanto, seus conteúdos, linguagens, imagens ou atividades influenciam diretamente na

construção do conhecimento escolar (Santana & Waldhelm, 2009); (iii) análises focalizadas no gênero e na sexualidade são capazes de “apreender essas temáticas no âmbito dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, bem como os reflexos desses debates nas políticas educacionais no Brasil” (Soares & Paraíso, 2023, p. 61).

De acordo com Clément (2006), as seleções dos conteúdos que compõem os LDs podem ser influenciadas pelas dimensões KVP; “K”, do inglês *knowledge* (conhecimento), “V”, de *values* (valores), e “P”, de *practices* (práticas sociais). Desta forma, é certo que estas variáveis interagem entre si influenciando nas concepções dos sujeitos responsáveis pela elaboração dos conteúdos presentes nos LDs, inclusive no que diz respeito à estrutura do corpo humano e à sexualidade (Ladislau Filha & Ribeiro, 2016; Ribeiro, Ferreira, Bonfim & Eloy, 2019).

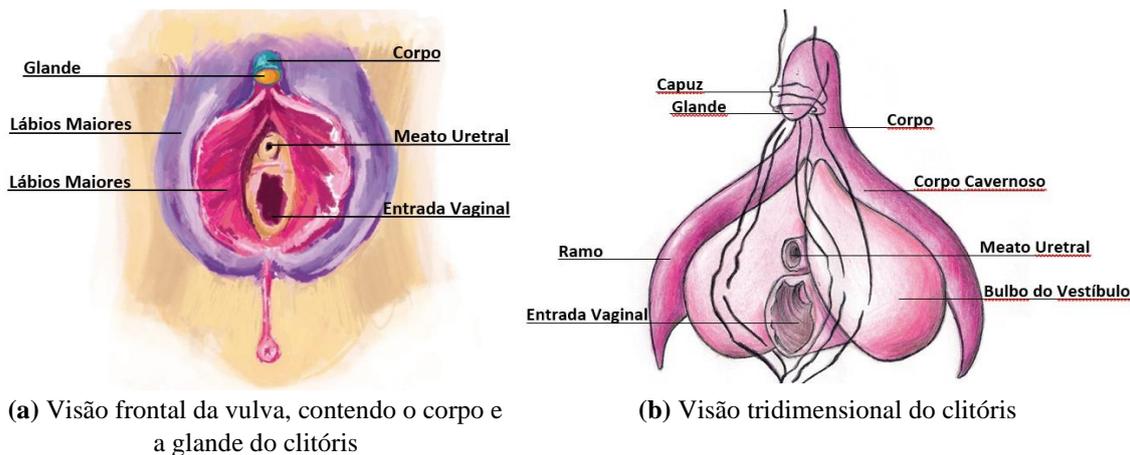
Nesse sentido, tomamos como base o modelo KVP de transposição didática (TD) para investigar como essas dimensões KVP influenciam os elementos textuais e as imagens presentes nos LDs, no que diz respeito à estrutura clitoridiana. Assim, o objetivo da pesquisa foi investigar como ocorre o processo de TD da estrutura clitoridiana nos livros de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT), recomendados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ano 2021, em função de conhecimentos, valores e práticas sociais. Em termos específicos, objetivamos analisar as representações imagéticas e textuais do clitóris, tendo em vista suas dimensões anatômicas e fisiológicas.

### **Aspectos anatomofisiológicos e socioculturais associados ao clitóris**

O clitóris (Figura 1) é uma estrutura erétil que se localiza na porção superior da vulva, acima da rima do pudendo (fenda entre os grandes lábios). Apresenta em sua constituição duas colunas de tecidos eréteis chamados corpos cavernosos, que divergem posteriormente para formar os ramos do clitóris e os bulbos esponjosos, os quais participam dos processos fisiológicos da ereção (O’Connel et al., 2005). Outra estrutura que integra a anatomia do clitóris é a glândula, área coberta por uma prega cutânea (capuz ou prepúcio) e que contém milhares de terminações nervosas, sendo, por isso, associada à sensação de prazer ao toque (Di Marino & Lepidi, 2014).

A glânde é a parte mais conhecida do clitóris, em decorrência da sua localização externa, considerada uma protuberância peculiar de extrema sensibilidade que, quando estimulada, é capaz de receber e transmitir sensações de pressão e vibração, em virtude de suas oito mil terminações sensoriais (Chalker, 2001; Fernández et al., 2013).

Figura 1. Representações do clitóris



Fonte: Adaptado, com autorização, de Fernández, Fernández e Castro (2013).

Com relação a sua composição interna, o órgão é constituído por um conjunto de estruturas capazes de promover a sua ereção, denominadas corpos cavernosos e bulbos esponjosos (O’Connel et al., 2005). O processo de ereção ocorre por intermédio da excitação sexual decorrente de contato físico, como na masturbação, ou de estimulação erógena, dos tipos visual e auditiva, por exemplo (Di Marino & Lepidi, 2014).

A ereção é dependente de complexos eventos bioquímicos e neurológicos mediados pelo sistema nervoso autônomo. A ação parassimpática, propicia a ereção clitoriana, pois causa o relaxamento da musculatura lisa das artérias que irrigam a região, dilatando-as e, em consequência disso, permitindo um rápido preenchimento dos corpos cavernosos e o acúmulo de sangue no interior destes tecidos. À medida que os corpos cavernosos preenchem-se com sangue, as veias subalbugíneas entram em colapso e impedem a saída venosa, proporcionando assim a rigidez clitoriana. Quando a excitação sexual diminui, impulsos simpáticos provocam uma redução do fluxo arterial para os

corpos cavernosos e estes retornam ao seu estado inicial que antecede a excitação (Di Marino & Lepidi, 2014).

Do ponto de vista histórico, relatos discordantes sobre a descoberta do clitóris surgiram no século XVI, quando o então professor de anatomia da Universidade de Pádua, Mateo Realdo Colombo (1516-1559), afirmou ter sido o primeiro a reconhecer este órgão, atribuindo ao mesmo uma funcionalidade exclusivamente sexual. No entanto, existe uma série de controvérsias relacionadas a quem de fato descobriu esta estrutura, visto que o anatomista Gabriel Falópio (1523-1562), entre outros, diz ter tido conhecimento do órgão, bem como de sua função, muito antes de Colombo (Laqueur, 2001). Em síntese, a busca pelo prestígio médico, na época de Colombo e outros, influenciou muito mais controvérsias e polêmicas do que a compreensão morfofuncional sobre o clitóris, principal fonte do prazer sexual feminino (Hernando, 1999).

Em 1844, o anatomista alemão George Ludwig Kobelt (1804-1857) “redescobre” o clitóris e passa a publicar um extenso estudo sobre sua anatomia, o qual ganha destaque no *Gray’s Anatomy*, principal livro dos anatomistas da época (Jara, 2019). No entanto, os discursos pautados na irrelevância do órgão para a reprodução propiciam sua exclusão do livro anos mais tarde. Em 1865, momento em que o prazer sexual feminino era tido como pecado, o clitóris passa a ser visto de forma negativa, sendo apontado como a marca do diabo (Fernández et al., 2013).

Neste período, o cirurgião inglês, presidente da *Medical Society of London*, Isaac Baker Brown (1811-1873), aponta a masturbação feminina como causadora da lesbianidade e de diversas doenças como cegueira, desequilíbrio mental, histeria, demência e até a morte prematura, salientando que a remoção do órgão seria a única forma de prevenir tais doenças, fato que ocasionou a mutilação genital feminina (MGF) de muitas mulheres (Fernández et al., 2013).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), a prática da MGF persiste até os dias atuais, sendo utilizada em 28 países africanos, na Ásia, no Oriente Médio e em algumas comunidades de imigrantes na América do Norte e Europa. Estes procedimentos geralmente ocorrem em ambientes domésticos, com recursos a instrumentos não desenvolvidos para esta finalidade, como facas, giletes etc. (ONU, 2008).

Em algumas culturas a clitoridectomia é considerada como parte de um ritual de iniciação da puberdade, com o objetivo de impedir que meninas descubram “precocemente” o prazer sexual e o orgasmo, e como uma forma de garantia de sua virgindade até o casamento, bem como para assegurar a fidelidade ao seu cônjuge (Fernández et al., 2013). Portanto, a remoção do órgão pode ser considerada, entre outros aspectos, uma forma de silenciamento e controle da própria sexualidade feminina, desde sempre associada à função reprodutiva.

Por outro lado, o silenciamento simbólico do clitóris também é um elemento preocupante. Moore e Clarke (1995) realizaram um levantamento a respeito das ilustrações do clitóris em livros de anatomia humana publicados ao longo do século XX e evidenciaram que sua representação é relativamente escassa quando comparada ao órgão genital masculino. Em suas pesquisas, constataram apenas três registros gráficos sobre o clitóris e trinta e cinco sobre o pênis. Ainda, identificaram por intermédio da busca de palavras, apenas dezenove menções ao clitóris, enquanto trezentos e quarenta e sete a respeito do pênis.

Como é possível notar, a repressão à sexualidade feminina é bastante antiga e, obviamente, ainda está sedimentada na sociedade contemporânea.

### **Transposição didática e Modelo KVP**

A transposição didática (TD) corresponde às transformações e adaptações do conhecimento científico, de modo a torná-lo adequado ao ensino. De acordo com Carvalho (2009), a TD é realizada em duas etapas, a Transposição Didática Externa (TDE), que corresponde à elaboração dos currículos e livros didáticos, foco de nossas análises, e a Transposição Didática Interna (TDI), diretamente relacionada à forma como ocorre a transposição do conteúdo e as condições de ensino, ou seja, trata-se do processo da didatização aplicado pelos professores em sala de aula.

Com base na teoria da TD, Clément (2006) introduziu o modelo KVP que enfatiza a evolução histórica do conhecimento científico (K), e sua proximidade com os valores (V) crenças, opiniões e ideologias, e as práticas sociais (P), de professores, autores de

LDs, dentre outros. Para Carvalho (2009), valores e práticas sociais interferem diretamente na aquisição de determinados conhecimentos a serem ensinados.

O modelo KVP de transposição didática tem sido utilizado por pesquisadores para analisar diversas temáticas no âmbito da educação científica, entre estas, questões relacionadas à sexualidade em LDs da educação básica (Ladislau Filha & Ribeiro, 2016; Ribeiro et al., 2019) ou do ensino superior (Machado & Sepúlveda, 2021). Por exemplo, o emprego do modelo KVP possibilitou inferir que a escassez de imagens relacionadas ao intercurso sexual, heterossexual ou homoafetivo, está relacionada com as interações KVP (Ladislau Filha & Ribeiro, 2016). Da mesma forma, a definição do clitóris como “uma estrutura rudimentar”, em relação ao pênis, foi identificada como uma perspectiva permeada por valores e práticas androcêntricas, envolvidas na transposição didática do conhecimento científico (Machado & Sepúlveda, 2021).

## Metodologia

Nesta pesquisa analisamos as representações imagéticas e textuais referentes à estrutura clitoridiana em sete LDs de Ciências da Natureza e suas Tecnologias (CNT) (Tabela 1), recomendados pelo Guia dos LDs do PNLD 2021. Ressaltamos que nos LDs (L5), (L6), (L7) não foi possível obter resultados devido à ausência de representações imagéticas e textuais do clitóris ou do pênis.

Tabela 1. Livros didáticos analisados

LD	Editora	Título do livro	Volume	Título capítulo	Páginas
L1	Moderna	Moderna Plus: ciências da natureza e suas tecnologias	V.4	Reprodução humana (sistema genital feminino)	132-134
L2	Moderna	Ciências da Natureza: Lopes & Rosso	V.5	Adolescência puberdade e saúde reprodutiva	65
L3	FTD	Multiversos: ciências da natureza	V.2	Saúde em equilíbrio	129-131
L4	Scipione	Matéria, energia e vida: uma abordagem Interdisciplinar	V.5	Aspectos biológicos da adolescência	133-135
L5	Moderna	Diálogo: ciências da natureza e suas tecnologias	V.5	*	*
L6	Moderna	Conexões: ciências da natureza e suas tecnologias	V.3	*	*
L7	SM	Ser protagonista: ciências da	V.6	*	*

natureza e suas  
 tecnologias

Nota: \*Ausência de menções, textuais ou imagéticas, ao clitóris  
 Fonte: Autores, 2024.

Também efetuamos uma análise comparativa com o órgão genital masculino, o pênis, embora este não seja o foco principal da investigação, a fim de compreender a presença de estruturas, em certa medida análogas ao clitóris, nos LDs. Para guiar a análise dos dados adotamos o modelo conhecimento, valores e práticas sociais (KVP) proposto por Clément (2006). A coleta de dados foi realizada por meio de uma matriz analítica (Tabela 2), elaborada pelos autores, contendo os seguintes parâmetros mobilizados para analisar o clitóris e o pênis: (i) Representações Imagéticas: (a) Corte sagital da pele; (b) Visão frontal da pele; (c) Estrutura isolada do corpo e (ii) Representações textuais: (d) Aspectos anatomofisiológicos.

A definição dos parâmetros localizados na Tabela 2 foi baseada nas seguintes perspectivas, associadas aos elementos teóricos que fundamentam o estudo. Em relação ao parâmetro *representações imagéticas*, consideramos pertinente analisar imagens em visão frontal porque estas permitem identificar a presença da glândula do clitóris, no conjunto da vulva. Já os cortes sagitais possibilitam ver a glândula e o corpo do clitóris, ampliando a perspectiva dos escolares sobre o tamanho desta estrutura anatômica. Optamos por analisar a presença do clitóris isolado da vulva, pois visões deste tipo podem favorecer a compreensão do funcionamento do órgão, assim como de sua complexidade estrutural. Os mesmos parâmetros foram utilizados na análise da estrutura peniana.

Tabela 2. Matriz analítica

Parâmetros	Representações	Possibilidades
Representações imagéticas	Corte sagital	Ausência / Presença
	Visão frontal	
	Estrutura isolada	
Representações textuais	Aspectos anatomofisiológicos	

Fonte: Autores, 2024.

Quanto ao parâmetro *representações textuais*, preocupamo-nos em avaliar se além de descrições estruturais (anatômicas), também estavam presentes aspectos funcionais (fisiológicos) associados à estrutura clitoridiana.



## Resultados e discussão

Esta seção está subdividida em duas partes, na primeira subseção analisamos as representações imagéticas e, em seguida, tratamos das representações textuais.

### *Representações imagéticas*

Iniciamos esta seção com as análises referentes às representações imagéticas do clitóris e do pênis (Tabelas 3 e 4).

A Tabela 3 indica que no total foram localizadas seis imagens do clitóris, sendo três em corte sagital, três em visão frontal e nenhuma representando a estrutura clitoridiana de forma isolada. Por outro lado, a Tabela 4 indica que no total foram localizadas sete imagens do pênis, quatro em corte sagital, uma em visão frontal e duas representando a estrutura peniana de forma isolada.

Tabela 3. Representações imagéticas do clitóris

Parâmetros	Presente	Ausente	Imagens nos LDs	%
Corte sagital	L1(1), L2(1), L4(1)	L3, L5, L6, L7	3	50%
Visão frontal	L1(1), L3(1), L4(1)	L2, L5, L6, L7	3	50%
Estrutura isolada		Todos	0	0%
			Total de Imagens: 6	100 %

Nota: A letra L corresponde aos LDs listados na Tabela 4 e os números entre parênteses vinculam-se à quantidade de ocorrência das imagens em cada LD analisado.

Fonte: Autores, 2024.

Na sequência do texto discutimos cada um destes parâmetros separadamente, fazendo referência, quando necessário, ao conteúdo destas duas tabelas.

Tabela 4. Representações imagéticas do pênis

Parâmetros	Presente	Ausente	Imagens nos LD	%
Corte sagital	L1(1), L2 (1), L3(1), L4(1)	L5, L6, L7	4	57,14 %
Visão frontal	L1 (1)	L2, L3, L4, L5, L6, L7,	1	14,28 %
Estrutura isolada	L3 (1), L4 (1)	L1, L2, L5, L6, L7	2	28,51 %

Nota: A letra L corresponde aos livros didáticos (Tabela 4) e os números entre parênteses vinculam-se à quantidade de ocorrência das imagens em cada livro didático (LD) analisado.

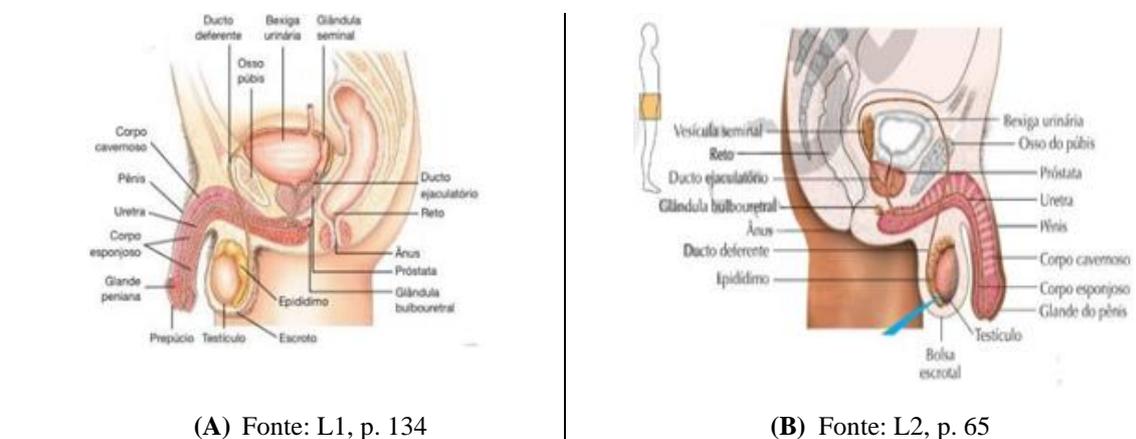
Fonte: Autores, 2024.

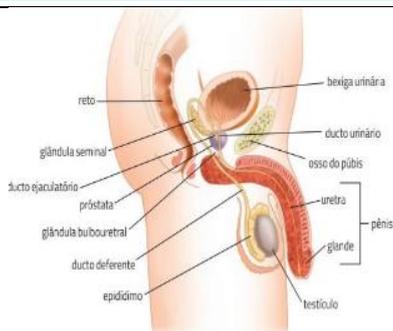
### Corte Sagital

Os cortes sagitais subdividem um segmento do corpo humano ou todo o corpo em metades direita e esquerda e são utilizados para ilustrar porções internas dos órgãos. Assim, utilizamos o parâmetro corte sagital para identificar nas imagens dos LDs como o clitóris e o pênis estão sendo representados.

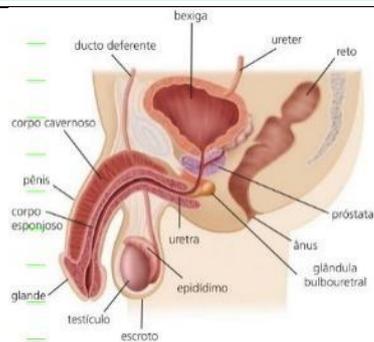
Constatamos que de todas as imagens correspondentes ao clitóris, 50% estão neste formato, comparado aos 57,14% referentes ao pênis (Tabelas 3 e 4). Além disso, observamos que, diferente do clitóris, o órgão genital masculino foi detalhadamente ilustrado nos LDs e, em grande parte, foram destacadas tanto sua constituição externa (glande, prepúcio) quanto a sua constituição interna (corpos cavernosos e corpos esponjosos) (ver Figura 2. A-D).

Figura 2. Representações imagéticas do pênis em corte sagital





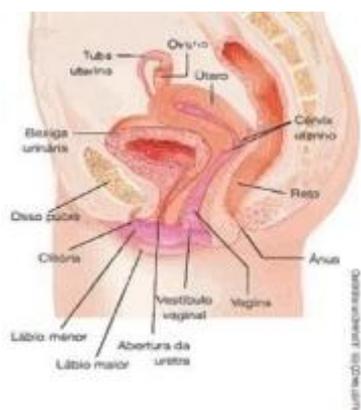
(C) Fonte: L3, p. 129



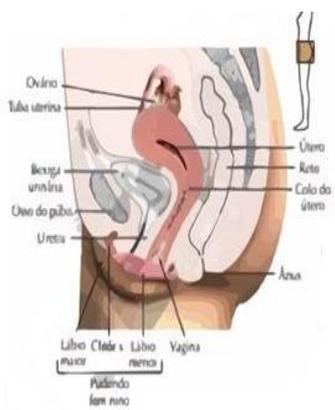
(D) Fonte: L4, p. 133

Com relação às representações imagéticas do clitóris, verificamos que a presença do órgão é quase imperceptível. As imagens não oferecem detalhes suficientes, capazes de contribuir para uma melhor compreensão da sua anatomia, sendo praticamente impossível visualizá-lo e identificar as estruturas que o compõem (ver Figura 3. A-C). Isto pode estar relacionado ao fato de que os estudos sobre esta estrutura sempre foram dominados por fatores sociais, motivo pelo qual alguns livros negligenciam sua abordagem, enquanto outros dedicam um extenso estudo sobre o pênis (Fernández et al., 2013).

Figura 3. Representações imagéticas do clitóris em cortes sagital



(A) Fonte: L1, p. 132



(B) Fonte: L2, p. 65



(C) Fonte: L4, p. 135

Salientamos que as representações imagéticas em LDs deveriam proporcionar o estímulo à leitura e à capacidade argumentativa. Partindo desta premissa, consideramos

que as imagens apresentadas não são claras e não fornecem detalhes suficientes, capazes de despertar nos alunos alguma reflexão maior sobre o órgão. Ademais, alguns livros (L2 e L3) representam a estrutura clitoridiana em único plano (corte sagital ou frontal) (Tabela 3). Sublinhamos que é impossível compreender a anatomia do clitóris por meio de um único plano de análise (O'Connell et al., 2005).

De acordo com Clément (2006), a prevalência no uso das mesmas imagens, ainda que publicadas novas edições dos LDs, está intimamente relacionada às práticas sociais (P) dos sujeitos integrantes do sistema de ensino (autores, editores, dispositivos legais) que podem ser práticas de cidadania ligadas a posições morais (V).

Neste sentido, compreendemos que no processo da transposição didática o conhecimento científico (K) não é o único fator em questão, pois os valores, as crenças, a visão de ensino sobre aquilo que é necessário estar ou não presente nos LDs, na concepção dos autores, também estão incluídos e, portanto, reverberam nas suas práticas sociais (P).

#### Visão frontal

Representações imagéticas no plano frontal favorecem a visualização de estruturas externas que integram a anatomia clitoridiana e peniana. Verificamos que (50%) das imagens dos LDs analisados ilustraram a estrutura clitoridiana conforme o parâmetro indicado, sendo que apenas 14,28% trouxeram ilustrações referentes ao pênis.

Observamos na Figura 4-A que o órgão genital masculino é bem representado, sendo possível visualizar o prepúcio, uma de suas estruturas externas (embora não legendado), retraído a fim de possibilitar uma melhor visualização da glândula do pênis.

Apesar desse maior número, a estrutura clitoridiana é mal representada. Na maioria das ilustrações, as estruturas externas e visíveis do órgão não foram distinguidas, com exceção do L4 que destacou, ao menos o prepúcio, e proporcionou uma visão mais ampliada da glândula (Figura 4-D).

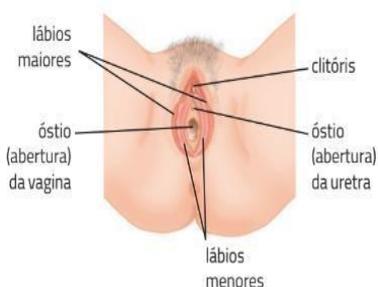
Figura 4. Representações imagéticas do pênis e do clitóris, em visão frontal



(A) Fonte: Livro didático L1, p 134



(B) Fonte: Livro didático L1, p 132



(C) Fonte: Livro didático L3, p 132



(D) Fonte: Livro didático L4, p 135

Também notamos que na maioria dos LDs analisados a glândula é apresentada como se fosse o órgão completo. Fernández et al. (2013) e O’Connell et al. (2005) referem que isto tem sido uma problemática recorrente nos livros didáticos. O clitóris é representado apenas como um minúsculo ponto, o que parece estar associado a uma das principais razões pelas quais se conhece apenas a sua porção externa, em detrimento das suas demais estruturas constituintes. Segundo Chalker (2001), os livros contemplam uma descrição anatômica do órgão muito reduzida, comparando-o a uma “ervilhinha”, e isto que nos leva, forçadamente, a concordar com tal informação.

Pelo exposto das imagens apresentadas acima, em que percebemos um maior detalhamento da estrutura peniana, em comparação a clitoridiana, é plausível inferir que o conhecimento científico (K) carrega influências de elementos socioculturais, que envolvem valores androcêntricos (V) os quais repercutem nas práticas sociais (P) dos sujeitos envolvidos na elaboração e seleção dos conteúdos transpostos nos LDs.

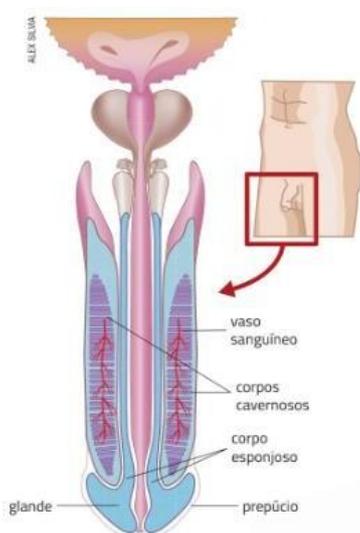
### Estrutura isolada

A representação imagética do clitóris e do pênis, de forma isolada do corpo, permite uma ampla visualização das regiões anatômicas que compõem estas estruturas. Como é possível visualizar (Tabela 3), os LDs não abordaram ilustrações referentes à estrutura clitoridiana desconectada do corpo (isolada da vulva), capazes de favorecer a compreensão sobre o órgão, em sua total dimensão. Em contrapartida, 28,51% das imagens analisadas apresentaram o órgão genital masculino isolado do corpo, possibilitando uma melhor visualização de suas estruturas externas e internas (ver figura 5).

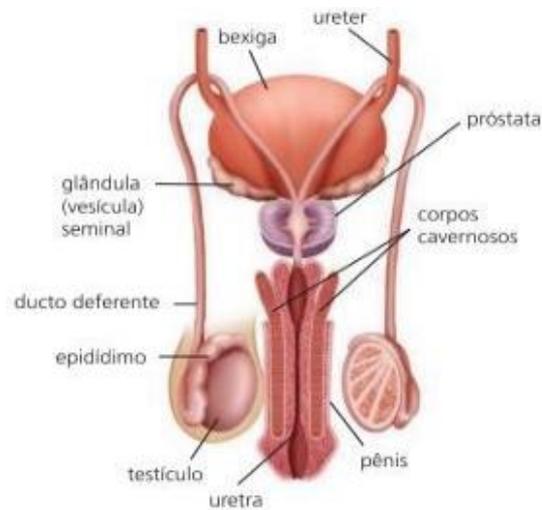
Estes resultados coadunam com as afirmações de autores como Chalker (2001), O'Connel et al. (2005) e Fernández et al. (2013), quando explicitam que a anatomia genital masculina, nos LDs, é amplamente estudada e representada imageticamente, evidenciando todas as estruturas que a compõe.

Conforme mencionado, o clitóris não se restringe a glânde, a maioria de suas estruturas são internas e compreendem os ramos, os corpos cavernosos, os bulbos esponjosos (Figura 1); todo um aparato que trabalha em conjunto no processo fisiológico da ereção e do orgasmo, informação que a maioria dos LDs omitem. Esta ocultação está relacionada, certamente, aos fatores de cunho moral e cultural, e com relações de poder, que invisibilizam o corpo feminino, segundo um sistema patriarcal e androcêntrico (Fernández et al., 2013).

Figura 5. Representações imagéticas da estrutura isolada ou desconectada do corpo



(A) Fonte: Livro didático L3, p 130



(B) Fonte: Livro didático L4, p. 133

As imagens apresentadas evidenciam de fato uma supervalorização do sexo masculino, em detrimento ao feminino, o que demonstra que os valores androcêntricos (V) permeiam o conhecimento científico (K) e as práticas sociais (P) dos envolvidos no sistema de ensino (Machado & Sepúlveda, 2021).

### *Representações Textuais*

Com o parâmetro representações textuais objetivamos descrever a presença de aspectos anatomofisiológicos de ambos os órgãos, clitóris e pênis. Identificamos que quatro livros didáticos livro (L1, L2, L3 e L4) – 57,14% da amostra estudada – trouxeram elementos textuais referentes a ambos os órgãos. Na Tabela 5 são destacados os elementos textuais, extraídos dos LDs analisados e correspondentes aos aspectos anatomofisiológicos da estrutura clitoridiana.

O L1 abordou de forma mais marcante as características anatomofisiológicas do clitóris. Apesar disso, existem alguns pontos que devem ser considerados. As estruturas visíveis do clitóris como a glândula e o prepúcio não foram denominadas e a glândula foi definida, sucintamente, como uma região exposta com cerca de um centímetro de comprimento, sem maiores menções à sua constituição, rica em terminações nervosas.

Nesta direção, também caberia referir o tamanho total do clitóris, a fim de desconstruir a concepção de que ele não passa de uma “pontinha”, já que alguns estudos indicaram que o órgão, em estado não ereto, pode chegar até nove centímetros (Fernández et al., 2013).

Os trechos extraídos do L2, L3 e L4 (Tabela 5) não fornecem informações detalhadas a respeito da estrutura clitoridiana, apenas descrições superficiais, limitadas. Como conhecer o corpo e compreender a busca pelo prazer, se ainda prevalece a ausência de discussões acerca dessas temáticas?

A omissão típica em relação à anatomia do órgão, bem como a ausência de enunciados a seu respeito e a falta de uma educação sexual que permita tornar possível a sua visibilidade, é designada como ablação ou mutilação cognitiva do clitóris. Tal mutilação se dá pelo apagamento da estrutura nas práticas educativas, nas páginas dos livros e nos discursos científicos (Fernández et al., 2013).

Tabela 5. Trechos dos livros didáticos (LD) referentes ao clitóris

LD Página(s)	Trecho do livro didático
L1 p. 132	“Na região da vulva, perto da junção entre os lábios menores, localiza-se o clitóris, órgão dotado de grande sensibilidade tátil e cuja região exposta tem cerca de 1 cm de comprimento. O clitóris é constituído de tecido erétil, que durante a excitação sexual recebe grande afluxo de sangue e fica intumescido. Esse órgão origina-se da mesma estrutura embrionária que o pênis (são homólogos) mas, diferentemente deste não é percorrido pelo canal uretral, a uretra feminina abre-se no vestíbulo vaginal, entre o clitóris e a abertura da vagina”.
L2 p. 67	“O clitóris é um órgão erétil importante na estimulação da mulher”.
L3 p. 132	“Os órgãos genitais externos são denominados em conjunto por pudendo feminino ou vulva, os lábios maiores, os lábios menores e clitóris fazem parte do pudor feminino”.
L4 p. 135	“Pudendo ou vulva - Genitália externa feminina formada pelos lábios maiores, lábios menores, clitóris (formado por tecido sensorial erétil). Os orifícios da uretra e da vagina estão no pudendo, e são protegidos pelos lábios”.

Fonte: Autores, 2024.

Em sua pesquisa intitulada “Mutilação cognitiva do clitóris: regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana”, Jara (2019) examina e debate as consequências do silenciamento do prazer feminino em LDs e adverte que:

De modo mais grave o apagamento da excitação e do prazer podem endossar fundamentos de violências contra as mulheres, pois à medida que o sexo é reduzido a uma operação eficiente que considera como fator apenas as adaptações fisiológicas masculinas como o

ato de penetração pênis-vagina e com a finalidade de reprodução, não será possível compreender os fenômenos da excitação e do prazer como importantes (Jara 2019, p.132).

Na Tabela 6 destacamos os elementos textuais referentes ao pênis, presentes nos LDs, a fim de verificar como os aspectos anatomofisiológicos do órgão estão sendo representados, em comparação à estrutura clitoridiana.

Tabela 6. Trechos dos livros didáticos (LDs) referentes ao pênis

LDs Página(s)	Trecho do livro didático
L1 p. 132	“O pênis é o órgão copulador masculino. Ao longo de seu comprimento, há três massas de tecido erétil: dois corpos cavernosos laterais e um corpo esponjoso ao redor da uretra. Perto da extremidade do pênis, o corpo esponjoso expande-se e forma a glândula, dotada de grande sensibilidade tátil e protegida por uma dobra de pele chamada prepúcio. Os tecidos eréteis do pênis recebem grande afluxo de sangue durante a excitação sexual, intumescendo-se e levando à ereção do pênis, o que possibilita sua penetração na vagina durante o ato sexual. O pênis é percorrido longitudinalmente pela uretra, canal que faz parte tanto do sistema urinário como do sistema genital masculino: pela uretra são eliminados a urina e o esperma.”
L2 p. 66	“pênis – órgão copulador, composto internamente de corpos cavernosos, corpo esponjoso e uretra;”.
L3 p. 130	“O pênis é um órgão constituído por massas de tecidos, pela uretra e pela glândula, que fica protegida por um tecido chamado prepúcio. As massas de tecido são o corpo esponjoso, localizado mais internamente envolvendo a uretra, e os corpos cavernosos, localizados lateralmente. Na excitação sexual, os espaços entre essas massas de tecido são preenchidos por sangue, fazendo com que o pênis fique ereto. A ereção do pênis é necessária para sua penetração na vagina, durante o ato sexual. Quanto à reprodução, o pênis é responsável por introduzir os espermatozoides no corpo da mulher”.
L4 p. 134-135	“O pênis é o órgão de cópula masculino. Ele é formado por um corpo esponjoso, que envolve a uretra e constitui o tecido da glândula do pênis, e por dois corpos cavernosos, que se enchem de sangue e promovem a ereção do pênis. A glândula pode ser recoberta por uma pele, chamada prepúcio do pênis. O prepúcio do pênis é motivo de preocupação de muitos meninos, devido à fimose”.

Fonte: Autores, 2024.

Como podemos visualizar, por meio dos trechos organizados na tabela acima, o órgão genital masculino, no L1, é descrito, anatomicamente, em toda sua extensão. As estruturas externas e internas, são mencionadas e detalhadas quanto a sua função e localização no órgão, diferentemente do clitóris, em que estruturas análogas, foram descritas apenas superficialmente.

Com relação aos aspectos fisiológicos, estes foram descritos de modo similar ao clitóris, sobretudo enfatizando-se que a ereção facilita a penetração na vagina durante o

ato sexual. Este último trecho analisado traz uma conotação explicitamente relacionada aos valores (V), heterossexuais/heteronormativos, que consideramos a partir do uso do modelo KVP. Para Furlani (2008) e Jara (2019), esse tipo de discurso auxilia na reprodução de tabus e preconceitos e remete à marginalização de outras práticas sexuais ao privilegiar apenas o intercurso pênis-vagina, como único sexo válido.

Em termos complementares, quando a educação sexual escolar se restringe a temáticas como gravidez na adolescência, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) e práticas contraceptivas, podemos excluir o clitóris das discussões e centralizar o pênis. Assim, o sexo torna-se sinônimo de penetração e proteção, e a mulher um receptáculo de toda a ação sexual (Wolfe, 2018) e, portanto, um ser passivo.

Em L2, o órgão genital masculino foi descrito, simplesmente, como órgão copulador. Ainda constatamos a presença das estruturas envolvidas no processo fisiológico da ereção (corpos cavernosos e corpos esponjosos), análogas às localizadas no clitóris que não recebeu o mesmo tratamento no livro analisado.

No tocante à descrição do pênis, o L3 traz uma abordagem precisa e bem detalhada da sua constituição. Importante ressaltar que este livro não forneceu informações tão detalhadas sobre o clitóris. Outra questão diz respeito ao fenômeno da ejaculação associada apenas ao fator reprodução. O livro descreve o pênis como responsável por introduzir os espermatozoides no corpo da mulher. Tal enunciado engessa a ideia de que na relação sexual a mulher é um ser passivo, apenas um receptáculo de espermatozoides e que o ato sexual, em si, não se relaciona a outra função, senão a reprodutiva.

Não diferente dos demais LDs analisados, constatamos no L4 que o conteúdo textual a respeito do pênis também traz informações mais abrangentes referentes ao órgão genital masculino, no que diz respeito aos aspectos anatomofisiológicos. As estruturas externas, como a glândula e o prepúcio, foram destacadas, inclusive abordando a fimose, condição que impossibilita a retração da glândula, trazendo desconforto nas relações sexuais e dificultando a higienização do pênis. Embora rara, cabe destacar que a fimose feminina – decorrente de traumas obstétricos, contusões, atrofia vulvovaginal pós-menopausa, dermatoses inflamatórias crônicas, entre outros aspectos (Aboud, Cristinelli,

Roccaro, Meningaud & Hersan, 2021) – poderia ser tematizada no LD, tendo em consideração o seu potencial para provocar disfunção sexual (Aboud et al., 2021).

### **Considerações finais**

A presente pesquisa analisou sete LDs de Ciências da Natureza e suas Tecnologias, do PNLD 2021, destacados como referências nas resenhas do PNLD, com a finalidade de identificar como a estrutura clitoridiana é abordada nas representações imagéticas e textuais.

Conforme constatado, os livros analisados apresentaram lacunas na abordagem do órgão, ao negligenciar as demais estruturas anatômicas que o compõem. Notamos que a maioria dos livros situam a glândula do clitóris como se fosse o órgão completo. Ainda, verificamos uma escassez de informações sobre seus processos fisiológicos, bem como a ausência das estruturas envolvidas neles.

Em contrapartida, o órgão genital masculino foi representado em toda a sua composição anatômica e seus aspectos fisiológicos foram precisamente descritos. Na direção oposta, esperamos que o ensino sobre os corpos humanos seja mais equitativo em relação aos órgãos genitais.

Sublinhamos que o modelo KVP, utilizado para guiar a análise de dados da presente pesquisa, permitiu identificar que os conteúdos presentes nos livros didáticos carregam valores androcêntricos e heteronormativos, sendo, portanto, uma ferramenta importante a ser utilizada para análise das concepções dos autores dos manuais escolares.

Foi possível perceber que a transposição didática da estrutura clitoridiana na maioria dos LDs analisados se distancia muito do conhecimento científico de referência, oferecendo uma abordagem superficial, incapaz de contribuir para uma discussão crítica e reflexiva sobre esta estrutura nas salas de aula. Compreendemos que esta pesquisa poderá contribuir, em alguma medida, para que as práticas educativas sejam refletidas e para que o ensino de ciências não seja pautado, ainda que implicitamente, em ideias sexistas sobre os corpos humanos.

## Referências

- About, C., Cristinelli, S., Roccaro, G., Meningaud, J-P. & Hersan, B. (2021). Surgical treatment of clitoral phimosis. *Journal of Gynecology Obstetrics and Human Reproduction*, 50(6), 1-7.
- Antunes, M. T., De Novais, V. L., Reis, H. C., Sant Anna, B. R., Spinelli, W., Rios, E. P. & Thompson, M. A. (2020). *Conexões: ciências da natureza e suas tecnologias* (Vol. 3). São Paulo: Editora Moderna.
- Aoki, V. L., Liegel, R. M., Aguilar, J. B., Carvalho, E. G., Nery, A. L., Fukui, A., ... Bezerra, L. M. (2020). *Ser protagonista: ciências da natureza e suas tecnologias* (Vol. 6). São Paulo: Editora SM.
- Braun, V., & Wilkinson, S. (2001). Socio-cultural representations of the vagina. *Journal of reproductive and infant psychology*, 19(1), 17-32.
- Carvalho, G. S. (2009). A transposição didática e o ensino da biologia. In A. M. A. Caldeira & E. S. N. N. Araújo (Orgs.), *Introdução à didática da biologia* (p. 34-57). São Paulo, SP: Escrituras.
- Chalker, R. (2001). *A Verdade Sobre o Clitóris: o mundo secreto ao alcance da sua mão*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Clément, P. (2006). Didactic Transposition and KVP Model: Conceptions as interactions between scientific knowledge, values and social practices. In *ESERA Summer School, Instituto de Educação da Universidade do Minho* (p. 9-18). Braga, Portugal.
- Di Marino, V., & Lepidi, H. (2014). *Anatomic Study of the Clitoris and the Bulbo-Clitoral Organ*. London, UK: Springer.
- Fernández, M. L., Fernández, M. V. C., & Castro, Y. R. (2013). *El clítoris y sus secretos*. Vigo, Espanha: Difusora de Letras, Artes e Ideas.
- Ferraro, A. C., Michelan, V. S., Ogo, M. Y., Froes, A. L., Kimura, M., Da Silva, R. A., ... Dos Santos, K. C. (2020). *Diálogo: ciências da natureza e suas tecnologias* (Vol. 5). São Paulo: Editora Moderna.
- Furlani, J. (2008). Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. *Pro-Posições*, 19(2), 111-131.
- Hernando, A. C. (1999). *Cunnus: Repressões e insubmissões do sexo feminino*. Lisboa: Antígona.
- Jara, I. C. (2019). *Mutilação cognitiva do clitóris: regimes de verdade sobre o corpo sexuado da fêmea humana* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Ladislau Filha, C. S., & Ribeiro, G. (2016). The approach to sexuality in PNLD textbooks: a focus on STI/AIDS and condoms. *Ciência & Educação*, 22, 773-788.

- Laqueur, W. T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Leite, L. C., Amabis, J. M., Soares, J. A., Penteadó, P. C., Torres, C. M., Ferraro, N. G., ... Martho, G. R. (2020). *Moderna Plus: ciências da natureza e suas tecnologias* (Vol. 4). São Paulo: Editora Moderna.
- Lima Soares, E. de, Carrozoni Lopez Viçosa, C. S., Castro Pessano, E. F., & Folmer, V. (2018). As Representações do corpo humano nos livros didáticos de ciências. *Góndola, Enseñ Aprend Cienc*, 13(1), 55-72.
- Machado, M. S., & Sepúlveda, C. A. S. (2021). Sistema reprodutor feminino e masculino, há uma diferença em suas abordagens? Uma análise de livros didáticos através do modelo KVP. *Bio-grafia*, 17(número extraordinário), 1-7.
- Melo, W. C., Agnolo, R. M., De Godoy, L. P. (2020). *Multiversos - ciências da natureza* (Vol. 2). São Paulo: Editora FTD.
- Moore, L. J. & Clarke, A. E. (1995). Clitoral Conventions and Transgressions: Graphic Representations in Anatomy Texts, c1900-1991. *Feminist Studies*, 21(2), 255-301.
- Munford, D., Silveira, L. F., Matos, S. A., Alves, E. G., Pimenta, M. A., Panzera, A. C., ... Mortimer, E. F. (2020). *Matéria, energia e vida: uma abordagem interdisciplinar* (Vol. 5). São Paulo: Editora Scipione.
- O'Connell, H. E., Sanjeevan, K. V., & Hutson, J. M. (2005). Anatomy of the clitoris. *The Journal of Urology*, 174, 1189-1195.
- Ogletree, S. M., & Ginsburg, H. J. (2000) Kept Under the Hood: Neglect of the Clitoris in Common Vernacular. *Sex Roles*, 43(11-12), 917-926.
- ONU – Organização das Nações Unidas. (2008). Combate mutilação genital feminina. *ONU News*. Recuperado em 23 de abril de 2023, de <https://news.un.org/pt/story/2008/02/1245021>.
- Ribeiro, G., Ferreira, R. A., Bonfim, C. T. C., & Eloy, C. (2019). Sexualidade nos livros didáticos: análises e proposições baseadas em aspectos imagéticos. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 12(1), 99-122.
- Santana, M. C. S., & Waldhelm, M. C. V. (2009). Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências – desvelando os bastidores de uma proposta. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 2(2), 2-20.
- Santos, P. A., Rocha, V. R., Tumolo, T., Silva, R. L., Ichikawa, R. U.; Azevedo, N. H., ... Lopes, S. G. (2020). *Ciências da Natureza – Lopes & Rosso* (Vol. 4). São Paulo: Editora Moderna.
- Soares, A. G., & Paraíso, M. A. (2023). Gênero e sexualidade no currículo da pedagogia. *Imagens da Educação*, 13(1), 54-76.
- Wolfe, M. (2018). Materialising effects of difference in sex education: the ‘absurd’ banana penis. *Gender and Education*, 30(8), 1065-1077.

Recebido: 12/03/2024

Aceito: 05/04/2024

Publicado: 20/04/2025

**NOTA:**

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.